

CONFEDERAÇÃO ABOLICIONISTA

HOMENAGEM

AO

PATRIOTICO MINISTERIO DANTAS

Sessão publica e solemne realizada no dia 7 de Junho de 1885

NO

THEATRO POLYTHEAMA

ORADOR OFFICIAL

O CONSELHEIRO RUY BARBOSA

FOLHETO N. 10

RIO DE JANEIRO

Typ. CENTRAL, de Evaristo R. da Costa

7 TRAVESSA DO OUVIDOR 7

—
1885

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

HOWENALLEN

YATIMTIO MINISTERIO DANATAS

THE UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY

100 KING STREET WEST

TORONTO, CANADA

NOTICIA

A imponente manifestação de justa homenagem prestada pela Confederação Abolicionista ao patriótico ministerio Dantas, é um facto da vida nacional que perdurará sempre na memoria de todos os que a elle assistiram.

O vasto salão do theatro Polytheama regorgitava de pessoas pertencentes a todas as classes sociaes, que iam sancionar com a sua presença a sympathica adhesão que tributavam ao motivo da solemnidade.

Os principaes camarotes estavam occupados por grande numero de familias distinctas e cavalheiros

illustres, entre os quaes notavam-se os Exms. Srs. conselheiros Rodolpho Dantas, Carneiro da Rocha, Silva Mafra e Nicolau Moreira; Drs. Spinola, Frederico Borges, Satyro Dias, João Dantas Filho, José Dantas, Moreira Brandão, Adriano Pimentel, Ratishona, Joaquim Nabuco, Marcolino Moura, Zama, Galdino das Neves, Sancho Pimentel e Ubaldino do Amaral, barão de Jaceguay, representantes da imprensa, e muitas outras pessoas de elevada graduação social.

Pouco depois do meio-dia, ao subir o panno, achavam-se no palco, occupando os logares da mesa, os membros da Confederação Abolicionista, tendo em volta os estandartes de diversas sociedades.

No primeiro plano achava-se a mesa do orador

O Sr. João Clapp, depois de abrir a sessão e declarar que aquella festa era uma homenagem prestada ao gabinete Seis de Junho, convidou o Sr. conselheiro Rodolpho Dantas a presidir a sessão, o que foi calorosamente applaudido pelo auditorio.

Dada a palavra ao orador, o Sr. conselheiro Ruy Barbosa proferio um brilhante e eloquente discurso, analysando e comparando o projecto de 15 de Junho com o de 12 de Maio, com uma elevação de vistas digna do seu pujante talento, tendo no correr do discurso movimentos de um sarcasmo cruel.

Terminada a oração, que foi ouvida com a mais profunda attenção, prorompeu do auditorio uma prolongada salva de palmas.

Por solicitação das pessoas que assistiram á festa abolicionista, usaram ainda da palavra o Dr. Joaquim Nabuco e o Sr. José do Patrocínio, que leu o seguinte

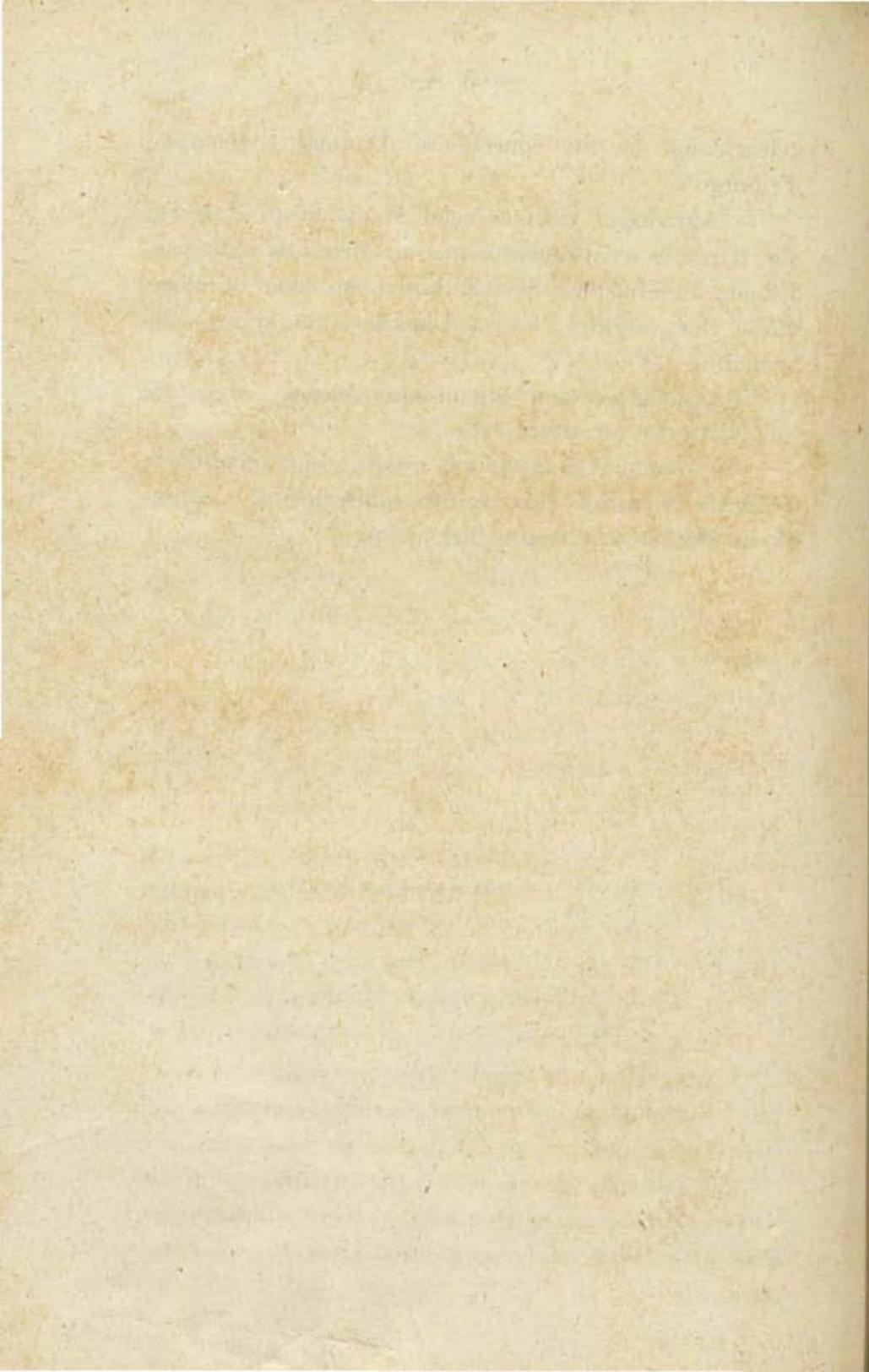
telegramma do Sr. conselheiro Dantas, enviado de Friburgo :

« Agradeço á Confederação Abolicionista e *Gazeta da Tarde* os cumprimentos que me dirigiram como presidente do ministerio Seis de Junho, em nome da libertação dos escravos, causa vencedora na opinião nacional. »

Seguiu-se um bem organizado concerto, executado por distinctos amadores.

Ao terminar a cerimonia o povo de pé e agitando os lenços victoriou com delirio indiscriptivel o conselheiro Dantas, e a idéa abolicionista.





DISCURSOS

O Sr. João Clapp (*Presidente da Confederação*) (*Applausos*): — Meus senhores, a Confederação Abolicionista que se póde assim dizer é a synthese da opinião popular, que quer sinceramente tratar da completa abolição da escravatura no Brazil, vem hoje demonstrar o seu respeito e sua gratidão ao benemerito gabinete abolicionista, 6 de Junho, presidido pelo immortal cidadão, conselheiro Dantas. (*Muito bem*).

Acreditamos que sahimos das normas até hoje seguidas, festejando um gabinete que desce.

Nós somos uns excentricos, preferimos festejar o gabinete que cahio do poder official porém que se acha de pé na consciencia nacional. (*Bravos ; muito bem*).

O gabinete Dantas teve a grande coragem de tirar a propaganda abolicionista das praças e ruas e fazer com que ella fosse echoar dentro do parlamento. (*Muito bem*).

Esse acto que merece de todos os brazileiros os mais freneticos applausos contribuiu tambem para consolidar o partido liberal que se ia esphacelando rapidamente. (*Apoiados*).

O partido liberal deve tudo ao conselheiro Dantas ! Esse illustre estadista soube injectar o sangue abolicionista nas veias de seu partido ! (*Muito bem*).

Senhores, a Confederação Abolicionista honra-se hoje com a presença do distincto parlamentar, o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa (*applausos*) a seu lado.

Elle aqui está para dirigir-vos a palavra ! (*Applausos*).

Não desejando tomar tempo ao auditorio, eu, em nome da Confederação Abolicionista, convido ao Exm. Sr. Conselheiro Rodolpho Dantas para presidir esta sessão. (*Applausos*).

E terminando levanto um—viva—ao denodado gabinete 6 de Junho presidido pelo benemerito Sr. Conselheiro Dantas ! (*Vivas ; acclamações prolongadas*).

Uma commissão composta dos Srs. José do Patrocínio, João Clapp e Pinho acompanham o Exm. Sr. Conselheiro Rodolpho Dantas á presidencia da reunião. (*Prolongada salva de palmas e vivas !*)

O Sr. Conselheiro Rodolpho Dantas :—Tem a palavra o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa. (*Applausos*).

O Sr. Ruy Barbosa (*applausos*) :—Minhas senhoras. Meus senhores. Depois de agradecer á Confederação Abolicionista, benemerita da humanidade e ainda mais benemerita da patria, a honra da

missão que me delega, deixai que principie saudando esta tribuna. Eu a reconheço, e saúdo,—á tribuna do povo, a que deve estar em toda a parte onde pulsa a arteria da vida nacional, a que não nasce das constituições escriptas, nem se subordina a instituições ephemeras, o orgão espontaneo, omnipresente, indestructivel da consciencia publica, que as reacções embandeiradas no poder acordam, vibram, agigantam, multiplicam de extremo a extremo nos paizes livres, como ondulações expressivas da crosta terrestre á superficie de um solo abalado pela agitação da lava interior. (*Muito bem*).

Do alto della, no periodo, por assim dizer, de suas primeiras balbuciações, bem longe d'aqui, na patria de José Bonifacio, que o escravismo entregou ao Sr. Moreira de Barros, coube-me, ainda estudante, consagrar a minha vida á civilização de minha patria, protestando, com a lei de 7 de Novembro em punho, contra a illegalidade impune, victoriosa, opulenta do captiveiro, sacudindo a verdade inflammada do direito ás faces da pirataria triumphante sobre as ruinas da lei e dos tratados. (*Applausos*).

Do alto della, hoje, dezeseis annos depois, desilludido pelas decepções publicas que nos envergonham, penitente da nossa credulidade na transigencia dos interesses negreiros, ensinado por uma experiencia de fel a conhecer as olygarchias corrilheiras que nos governam (*applausos*), venho annunciar-vos que cessou a quadra da esperanza, mentirosa ludibriadora da vossa honra, e só nos resta o combate. (*Applausos*).

E o combate é a palavra; é a tribuna; mas esta: a tribuna popular! (*Applausos*). Não aquella onde sob a vossa responsabilidade se fazem leis que vós detestaeis

(*applausos*); onde em nome da soberania popular governa a soberania das aldeias (*applausos*), dos coroneis manda-chuvas e dos magistrados politicos; onde o terceiro escrutinio calumnia e enxovalha o povo, sancionando fraudes que os tribunaes judiarios de outro paiz arrastariam ao tamborete dos réos (*applausos*); onde se diz ao Ceará redempto: « Não fallarás aqui senão sob uma mascara de escravo! » (*applausos*); de onde se expelle o Recife altivo, com este escarneo: « Nós é que nomearemos o teu mandatario! Serás representado pelas senzalas do teu sertão » (*applausos*); onde o Sr. Affonso Penna é o fiel da justiça devida aos abolicionistas e aos escravos (*muito bem*); onde o eito legisla a reforma servil (*applausos*); onde a moral é a tramoia; onde a alliança de duas minorias emperradas, enfezadas e esturradas vinga-se do paiz, que as deputou a exprimirem a opinião do eleitorado sobre o projecto 15 de Julho, com um silencio de acinte, com uma fuga systematica, com uma pertinacia de deserções e sancadilhas, que burlaram uma dissolução, esterilizaram duas convocações extraordinarias, absorveram em trabalhos preparatorios tres mezes e meio, consumiram sommas enormes em sub-idio ao caldeirão da cozinha parlamentar (*applausos*), unicamente para ficar demonstrado, em glorificação das camarilhas, que o parlamento, creado para ser a boca independente de uma nacionalidade, pôde converter-se na mordaga de um povo. (*Acclamações*).

Povo de meu paiz, é preciso lançar fóra esse açamo, e fallar! Comprehendo a vossa immobilidade: não é resignação servil; antes, dá-me a lembrar o *lion che posa*, de Dante. Submetta-vos embora o obscurantismo

official a todos os prestígios e a todas as violencias do seu uso: não fará de vós o rafeiro da escravidão. (*Applausos*).

Esta immensa reunião, que me cerca, não é um ajuntamento de curiosos: é uma expressão nacional, uma redução da sociedade, em todos os seus elementos sãos, sob o dominio de uma idéa. Emquanto, na Cadeia Velha, o desdem do preconceito fossil, na boca de certos fidalgos por obra do trafico (*riso*), soletra com dous *gg* e tres *rr* o epitheto de *negro*; emquanto os nossos estadistas-móres, absortos na gestação de mundos futuros, olham com fastio a questão negra como trambolho, por cuja remoção não vale a pena brigar, e a que não se dignam de descer, senão para poupar massadas maiores aos camaradas que vierem depois (*applausos*), vós (está-se vendo), vós, pelo contrario, percebeis que essa entidade desprezada, a cujo respeito dizia, na America, Frederica Bromer: « A sorte do negro é o romance da nossa historia » acabou por tornar-se tambem a chave de toda a nossa politica, o alpha e o omega dos nossos governos, das nossas situações e dos nossos partidos. (*Applausos*).

Em verdade, senhores, poderíamos hoje dizer como os abolicionistas americanos em 1861: « Todo o nosso passado, todo o nosso presente, todo o nosso futuro nos estão impondo, no momento actual, a necessidade de cogitarmos exclusivamente *no negro*. » (*Apoiados*).

Bem sei que está nossa ingenuidade amanhã despertará sorrisos contrafeitos na excelsa côrte d'El-rei Café. (*Riso*). Dirão que esta assembléa é o parlamento dos que nada têm que perder. (*Riso*). Mas, emquanto o Sr. A. Figueira lhes não descobrir molde de reforma, que nos ponha nas mãos a enchada servil, e mande

engrossar a escravaria das fazendas com os abolicionistas que infestam a capital do imperio, como quizera o *Diario do Brazil (riso)*, hão de ir-se contentando em metter á bulha a incapacidade politica dos que, como o gabinete 6 de Junho, presumem poder assentar uma reforma nas classes populares, e não iminolam o culto intelligente dos principios ao feiticismo de uma escola de estadistas que não querem aprender nada (*applausos*).

« Esses são os vossos estadistas, os homens que comprehendem a sua epoca, e modelam o futuro? » dizia, em circumstancias analogas, o grande orador do abolicionismo na União Americana. « O homem que sabe interpretar o seu tempo, e amoldar segundo as suas idéas o porvir, é, ou não, o estadista? Pois bem! Esses dedicaram-se aos bancos, ás tarifas, aos melhoramentos interiores, ás questões constitucionaes e financeiras, e bradaram á escravidão: « Atraz! Aqui não se entra! Nós nos alliamos contra vós. » Mas então surgiu um pobre operario typographo, que, dentro em breve tempo, conseguiu obrigar-os a não fallarem mais senão unicamente na escravidão. Elle dissipou essas sombras gigantescas — bancos, tarifas, questões financeiras, questões constitucionaes — e a escravidão, como aquella cabeça colossal do romance de Walpole, ergueu-se, e encheu todo o horisonte politico. » (*Applausos*).

E' uma ebulição superficial, insistem os nossos antagonistas. Sim? Mas as bolhas de espuma, que branquêam á tona das vagas, annunciam a voragem, a luta perenne entre o alcali e o acido, as revoluções que se operam mudamente nas profundidades incommensuraveis, onde não penetra a vista do nauta, nem o scaphandro do mergulhador. (*Applausos*). Nós somos

um cachão que referve e borbulha á flor d'agua, de encontro ás fragas de um cachopo rebelde; mas abaixo de nós está o golphão, está o oceano, *pater oceanus*, creador e subversor de continentes; está a consciencia nacional, a onda infinita e eterna. (*Applausos*).

Foi d'ahi que emergio o projecto Dantas, como raio do dia vindouro, que o astro ainda escondido nos mares escuros projectasse de longe sobre o topo de um serro. (*Applausos*).

Affirma o honrado senador Saraiva que a nação não queria, não quer esse projecto. Mas que nação? A nação fabricada no fardieiro da rua da Assembléa? (*Applausos*). A nação desses elementos obscuros, informes, embryonarios, que a draga politica dos circulos e do triplice escrutinio vae buscar nas camadas sedimentarias e nos detritos mortos do paiz? (*Applausos*). A nação que prevarica ao mandado da nação, ésquivando-se criminosamente ao debate sobre o projecto Dantas? (*Applausos*). A nação do Sr. José Pompeu? (*Oh! Hiaridade*). A nação da Barra do Pirahy? A nação dos lynchadores do Rio Bonito? A nação dos mashorqueiros de Campos? (*Applausos*). Deve ser essa; porque a outra é a que sentio pela medulla a impressão de um sudario, ao advento do ministerio 6 de Maio, apparição spectral, que veio do imprevisto e do silencio, como a morte, e foi saudada pelo alvoroço dos inimigos dos escravos. (*Applausos prolongados*). Mas a mortalha do projecto 12 de Maio não mudou o vivo em cadaver. (*Applausos*). O coração da patria continúa a palpitar vigorosamente—está palpitando aqui!—nessa popularidade do ministerio 6 de Junho, o unico governo, nos ultimos cincoenta annos de nossa historia politica, que sobreviveu a si

mesmo, cahindo coroado pela estima geral, e, depois que já não aconselha a coroa, é mais do que nunca o aclamado conselheiro da opinião. (*Repetidos applausos*).

E o projecto Saraiva de onde vem? Do engenho do nobre presidente do conselho. (*Applausos*).

Senhores, esta allusão não encerra um depreciativo. Primeiramente, o lugar da origem não é um sello de inferioridade: Jesus da Galiléa veio á luz num presepe, e dizem teve por primeira testemunha da boa nova o mais humilde dos animaes, que a idade média depois semi-divinosou nas suas lendas,—*pulcher es fortissimus*. (*Riso*). Depois, ninguem, e muito menos S. Ex., me pôde suppôr o intento de desrespeitar o honrado presidente do conselho. S. Ex. sabe que nunca teve ás suas orçens soldado mais prompto, nem collaborador mais devoto. Accusam-me de extremos exaggerados pelo meu presadissimo amigo o Sr. senador Dantas. Nunca, entretanto, lhe rendi homenagens eguaes ás que tributei mais de uma vez ao Sr. presidente do conselho. Fui um dos cooperadores mais sinceros para a aureola do seu nome, que hoje deploro ver tão esbatida pela attitude politica de S. Ex. na questão servil.

Na obra em que S. Ex. poz as melhores esperanças da sua fama, a reforma de 9 de Janeiro, não teve o honrado senador socio mais intimo de trabalho e lucta do que eu, quanto o permittia a humildade de minhas aptidões. Fallo sem desvanecimento; porque, se, na reforma eleitoral de 1881, ha immensa parte de merito, pois com a eleição directa, creou no paiz o voto popular, que apenas nominalmente existia até então, são, todavia, consideraveis os descontos que ella encerra

contra si, na severidade do censo, na dualidade do escrutinio, na singularidade dos circulos. (*Apoiados*).

Posso enunciar-me hoje deste modo; visto que já o fazia no ultimo anno da legislatura passada, em que muitos deputados empregámos diligencias esforçadissimas, baldadas pela divergencia de um ou dous chefes liberaes, com o fim de abrir entrada auspiciosa e passagem segura, na camara dos deputados, a um projecto já redigido e geralmente aceito para remedio a esses inconvenientes fataes da reforma de 1881.

Corresponsavel na culpa, eu posso dizer que nunca se commetteu, neste paiz, maior erro. A influencia desses tres vicios organicos é incompativel com o governo parlamentar. Elles, especialmente os circulos de um representante, aceleram, com uma velocidade assustadora, a decadencia do regimen consitucional.

O systema dos circulos uninominaes (fallo agora particularmente delle) dissolveu os partidos no egoismo das candidaturas particulares, cuja força, no maior numero de casos, está na razão inversa da superioridade politica dos candidatos; fez da mediocridade e da incompetencia a regra forçada na organização dos gabinetes, submettendo-a, graças á necessidade anachronica da reeleição, á caudilhagem de parochia; entronisou a injustiça na administração, captivando ás exigencias da afilhadagem local todas as espheras de serviço, moralidade, merecimento, direitos adquiridos, carreiras technicas, magistratura, milicia, professorado, engenharia; excluiu dos habitos do eleitorado o sentimento patriotico, que se educa pela consideração dos interesses geraes, do espirito dos deputados a elevação, que vive pelas idéas, da posição dos ministros a auctoridade, que não

existe sem a autonomia administrativa e a segurança parlamentar, das deliberações da camara a lealdade, que não pode consociar longamente com a vida guerrilheira. (*Applausos*). E que fez do parlamento? Um mosaico de extravagancias; um escriptorio de encomendas da roça (*riso; applausos*); uma feira de favores pessoases; uma casa de sollicitação, camaradagem e compadrio; uma reprodução do campanario, no sentido me-squinho, carrança, antipathico desta palavra—uma sachristia, com um cabo de policia, um curandeiro e uma engenhoca de bois— (*hilaridade prolongada, applausos*); o campanario sem escola, com o seu horisonte de legoa e meia, a sua ignorancia da patria, as suas intrigas de Soalheiro, a sua politica de comadres, o seu pessoal de rúbulas, a sua medicina de emplastros, a sua sciencia de feitiços, a sua religião de manipanços, a sua litteratura de folhinha, o seu commercio de cevados, a sua industria de tamancos, as suas finanças de meia pataca; os seus partidos de confraria, as suas idéas de cartilha. (*Hilaridade prolongada durante todo este periodo e applausos*). Um parlamento com o ventre de Gargantua, para devorar ministerios a esmò (*hilaridade*) e pés de kagado, para acompanhar o desenvolvimento progressista do paiz. (*Applausos*). O épigrammatico parlamento do art. 20 (*riso*); que pendura á sua porta como brasão d'armas a carta immortal do Sr. Laffayette. (*Applausos*).

Acompanhei o honrado conselheiro Saraiva nessa reforma, fascinado pelo prestigio com que actuava em mim a veneração geral dos mais velhos, dos mais experientes, dos mais abalisados para com essa auctoridade excepcional. Sou, portanto, insuspeito em relação a

S. Ex.; e, fazendo confissão publica do meu erro, julgo firmar direito o enunciar-me sem constrangimento sobre os erros alheios, ainda quando sejam os do nobre presidente do conselho (*Assentimento*).

Não vai, portanto intuito de menoscabo em dizer que o projecto de S. Ex. emana da sua condição de senhor de engenho. O meu fito consiste apenas em assignalar a incompetencia especial do nobre senador nesta questão. O illustre Sr. José Bonifacio, cujas ultimas orações pelos escravos hão de marcar epocha na historia da grande eloquencia parlamentar, poz o dedo na chaga da situação: a emancipação dos captivos não póde sahir da cerebração de um fazendeiro. (*Applausos*).

Este asserto não fere absolutamente a respeitabilidade do nobre presidente do conselho; não se contrapõe á independencia do seu character, ás suas qualidades moraes. E' simplesmente um enunciado historico e um enunciado physiologico. O Sr. Saraiva não está acima das leis naturaes; o seu encephalo é do mesmo tecido que o nosso. A escravidão gera a escravidão, não só nos factos sociaes, como nos espiritos. (*Applausos*). O captiveiro vingá-se da tyrannia que o explora, affeiçoando-lhe a consciencia á sua imagem. (*Applausos*). O grande proprietario de escravos é principalmente um producto moral do trabalhos servil. (*Applausos*). Póde comprehender a benevolencia, a caridade, a philantropia individual para com os opprimidos. Mas não lhe é possivel a inciativa heroica de uma reforma que revolva pelos fundamentos a massa servil. (*Applausos*).

A intuição desta evidencia, cujo sentimento o grande orador paulista assignalou entre os emancipadores francezes, já muito antes se produzia em

Inglaterra. Brougham, em 1830, dizia : « *De possuidores de escravos é baldado esperar, sequer, a execução activa de lei contra o captivo. Como, pois, iríamos confiar aos senhores de escravos a tarefa de fazer essas leis ?* » (Applausos).

Antes de Brougham, trinta annos antes, Canning dissera : « *Sentido ! Não vades entregar a proprietarios de escravos a incumbencia de formular leis contra a escravidão. E' missão que não lhes podereis confiar nunca enquanto a natureza humana for o que é.* » (Applausos.) São palavras de um estadista conservador : devem calar no animo ao nobre presidente do conselho. (Riso).

Nunca uma verdade antiga recebeu confirmação mais solemne do que a que S. Ex. acaba de dar a esta. O projecto 12 de Maio é uma constrangida visagem da liberdade entre os gilvazes de uma face retalhada de escravo. (Applausos).

Quando o projecto 15 de Julho se levantou no parlamento, o escravismo recebeu-o a tiros de canhão, como as colonias francezas, no fim do seculo XVIII, ao navio portador do decreto da Revolução que abolia o captivo. Quando o Sr. Saraiva bosquejou, na camara dos deputados, o projecto 12 de Maio, foi o Sr. Andrade Figueira quem estendeu ao recém-nascido, nos braços do Sr. A. Penna, a toalha branca da cerimonia (riso), invocando o espirito que murmura nas aguas do Parahyba, e paira sobre a Franca do Imperador. *Et nunc erudimini !* Eis o primeiro traço do confronto.

Quando o Sr. Dantas atreveu-se á ousada iniciativa da reforma, o movimento, nos annaes da reacção, foi unanime e desesperado contra elle. O abolicionismo

fitou-a, e alegrou-se; o escravismo encarou-a, e estremeceu. Todos a entendiam porque ella era a clareza e a lisura. (*Applausos*). Vem o projecto Saraiva, e as interrogações pululam: que segredo trará elle no bojo? (*Riso*). O nobre presidente do conselho explica, e reexplica; os seus escribas e glosadores commentam, soletram; os estranhos param, e saem meneiando a cabeça. Ninguem estudou o projecto! Ninguem o comprehende! (*Riso*). Li, não sei onde, que em um sitio da Grã Bretanha, certa mulher dera á luz uma vez dois filhos: um branco, outro preto. O projecto 12 de Maio faz-me pensar nesse parto polycromo, nos gemeos do condado de Kent. (*Hilaridade*).

Lestes alguma vez as *Nuvens*, no theatro do Aristophanes? Esses phenomenos caprichosos do mundo aéreo, personalisa-os o poeta animados pelo proposito de galhofarem com os mortaes habitantes da superficie terrestre, já sob a figura de animaes fabulosos e mascaradas disformes, já touros e leopardos, já centauros e lobos, ora cataduras sombrias de monstros, ora perfis vaporosos de mulheres: para cada creatura humana conforme as suas reminiscencias, as suas preoccupações, ou os seus devaneios. Semelhantemente, o projecto 12 de Maio depara a cada voto e a cada cabo parlamentar uma sedução, uma zombaria, ou uma miragem: uma ao Sr. A. Figueira, outra ao Sr. Silveira Martins; uma ao Sr. Moreira de Barros, outra ao Sr. Felicio dos Santos: uma ao Sr. Valladares, outra... outra a outro senhor qualquer. (*Hilaridade*).

Senhores, os resultados de uma observação dolorosa inculcaram em mim desconfiança entranhadissima contra as nossas reformas. Não sei se já ouvi a um

poeta comparal-as aos fructos do mar Morto, cujo amago é cinza. A mim, menos inclinado ás analogias lyricas, quando volvo os olhos atraz, scismando em quantas vezes tem sido embellecada a nação pelos nossos illustres empiricos, acontece passar-me pelos olhos, nos momentos menos hypocondriacos, o desfile dos boticarios nas *Visões* comicas de Quevedo de Villegas. (*Hilaridade*.) « Armados de graes, pomadas, espátulas e seringas assassinas », diz a musa satyrica, « assoberbados de vidros cujos rotulos annunciam remedios, e cujo interior contém venenos, enfiam nomes de simples tão brutescos, que mais parecem evocações de demonios: *Repti talmus, opoponach, post mégarum, chinum, dracatholicum angelorum*. Se, porém, os abrides, para destrinçar essa geringonça medonha, não encontrareis mais que uns nabos, uns rábanos, umas raizes inuteis ou damninhas (*hilaridade*); porque elles bem sabem do proverbio: *Ha de comprar-te, quem não te conhecer*. » (*Riso*.)

•Mas o projecto de 15 de Julho reconciliara-me com os reformadores de minha terra. O projecto 12 de Maio, pois, já me não encontrou o pessimista de outros tempos. Foi sob as prevenções mais benevolas que me dei ao seu estudo. Todavia, nunca uma esperanza se me gelou em desengano equal.

Tenho pressa de entrar nesta analyse! O escalpello paciente treme-me nas mãos indignadas. Vós, que encheis este amphitheatro, adverti-me, se alguma vez o ferro transviado vos apontar n'um vaso são uma cellula cancerada. Mas, se crerdes perceber apparencias de movimento espontaneo neste corpo, não vos illudaes: bem depressa percebereis que são phenomenos de um

galvanismo passageiro. As pilhas do artificio parlamentar estão em actividade, para simular a vida neste defuncto de nascença; mas havemos de chegar até ao musculo propulsor da circulação, e vos certificareis de que se tracta de um organismo inviavel. (*Applausos*).

A primeira disposição caracteriza immediatamente o projecto. O Sr. A. Figueira, que não quer absolutamente nada, e entrega a extincção do elemento servil á *liberalidade brasileira*, adhire, comtudo, ao art. 1.º Esse voto denuncia o projecto ás suspeitas, não só dos abolicionistas extremados, como de todos os amigos previdentes da emancipação. (*Apoiados*). Esse voto tem uma razão profunda. O art. 1.º consagra simplesmente a nova matricula. Mas essa matricula, que dir-se-hia a propria innocencia feita lei, é nem mais nem menos que uma armadilha á liberdade, um alçapão aberto contra o direito de milhares e milhares de escravos. No projecto Dantas a matricula impõe a declaração da *naturalidade*. No projecto Saraiva desaparece essa declaração. Comprehendeis? Ha aqui um mundo de extorsões. Ha aqui um confisco geral de liberdades. (*Applausos*). Ha aqui a esponja de um escandalo mudo passada sobre o contrabando negro durante um quarto de seculo. (*Applausos*). Ha aqui a revogação implicita da lei de 7 de Novembro de 1831.

A lei de 1831 arrasta-nos até o trafico. Senhores, não vos direi a sua historia. Mas não posso passar deante dessa immensuravel serrania de trévas, sem deter-me, aterrado e envergonhado da propria fórma humana, que nos veste. O trafico... immensa mancha negra que encobre toda uma zona da historia; a via lactea tismada pelo pincel de um crime estupendo; uma

como nebulosa escura de demonios despenhados, que se estendesse pelo firmamento, de um a outro polo. Se Dante Alighieri viesse no seculo XVIII, teria fixado o vertice dos soffrimentos inexprimiveis, o infimo circulo do seu Inferno, no porão de um navio negreiro, n'um desses nucleos de supplicios infinitos, que só a poesia sinistra da loucura poderia pintar; n'uma dessas gemonias fluctuantes, ninhos do abutre humano, que a mão da mais perversa das malfeitorias esparzio durante trezentos annos pelo Atlantico, entre as scintillações de esmeralda e saphira do céu e do oceano. (*Applausos prolongados*).

Não vos narrarei essa historia infanda. Mas preciso assignalar-vos o character centuplamente cruel que o trafico assumio, depois que os tractados impostos pela Inglaterra, a grande libertadora dos escravos, capitularam-n'o com as penas da pirataria no direito das gentes. Antes disso os navios negreiros effectuavam tranquillamente a passagem transatlantica. Depois que a vigilancia dos navios britannicos difficultou a travessia aos corsarios que abasteciam a nossa agricultura, cada centena de africanos desembarcada em nossas praias correspondia a uma ou muitas centenas arremessadas ao mar, para assegurar a fuga, ou aniquilar nas ondas o corpo de delicto.

Brougham narra essas scenas em uma pagina espantosa, que vos vou ler. (*Lê*).

• Em sendo descoberto, e percebendo que o cruzador lhe dá caça, tem que decidir o contrabandista se empregará esforços para tornar ao porto, escapando dessa feita, e aguardando mais asado ensejo, ou se velejará pelo Atlantico além, e consummará o seu crime,

alcançando as costas americanas *com parte, ao menos, do seu carregamento*. Que de inexprimíveis horrores não se abrangem na palavra que me acaba de cair dos lábios! Parte do seu carregamento! Sim; sim; porque apenas o reprobado dá fé de que o cruzador lhe vai levando vantagem na carreira, para logo lhe acode á mente alliviar o navio, e escolhe as mais pesadas mercadorias, com a mesma insensibilidade que se tratasse de objectos inanimados. Então alija ao mar homens, mulheres e creanças! E acaso primeiro as desembaraça dos ferros? Não! Porque? Porque essas cadeias com que estavam presos dous a dous, por precaução de segurança (não mais para tranquillisar os piratas tripulantes contra a insurreição dos negros, do que para assegurar a carga contra o suicidio, prevenindo nos africanos o desejo de buscarem no tumulto das vagas o termo do seu martyrio), esses ferros não se parafusam e ligam por cadeados que se possam remover em caso de tempestade ou incendio; mas são chumbados, soldados pelo ferreiro na forja, para que nunca mais se possam remover, nem afrouxar, emquanto após os horrores da travessia, os filhos da miseria não forem entregues ao captiveiro no mundo civilisado, tornando-se subditos de monarchas christãos! Os ferros fazem tambem as vezes de pesos; e, havendo tempo na precipitação da fuga, mais pesos se acrescentam, para que os desventurados não possam fluctuar, e se submirjam. Porque? Porque o negro com essa força de que é dotado, e essas faculdades de manter-se n'agua que lhe dão quasi uma natureza de amphibio, poderia sobreviver, ser colhido pelo cruzador, e depor como testemunha contra o assassino. Assim se prepara a escapula do malfeitor, já aligeirando

o navio que o transporta, já destruindo a prova do crime. Nem é tudo. Há exemplos de outras precauções com o mesmo fim. A's vezes enchem-se toneis de creaturas humanas. Um só navio alijou doze pipas cheias de homens. N'outra caça aos piratas, em que dous navios forcejaram em vão por evadir-se, os contrabandistas, nessa tentativa, lançaram ao mar quinhentas creaturas humanas de todas as idades e sexos. Esses factos são relatados... por officiaes inglezes em serviço da rainha. Quando... uma vez eram perseguidos dous navios. De longe os nossos marinheiros viram lançar de bordo ao mar um negro, outro, até cento e cincoenta, de todas as idades, os mais velhos e fortes carregados de ferros, para que não podessem nadar, ou boiar á tona d'agua; os mais fracos sem cadeias para irem ao fundo, e morrerem. Esse horrivel espectaculo passou-se aos olhos dos nossos cruzeiros. Elles viram, não lhes permittindo a distancia a cudir, aquellas miserandas creaturas, os homens afundando-se acorrentados, as mulheres e—pungente scena—os meninos, as creancinhas bracejando debilmente nas ondas, até serem tragados pelo mar, e desaparecerem. »

Foi com esse curso inexprimivelmente abominavel que a fraqueza das auctoridades brazileiras condescendeu durante vinte e um annos. Pelo tractado de 23 de Novembro de 1826, celebrado entre a corôa da Inglaterra e a corôa do Brazil, o transporte de africanos para este paiz começaria a ser tractado como pirataria desde Março de 1830. Não obstante, os documentos apresentados em 1831 ao parlamento britannico mostram que, só no anno anterior, as costas do Imperio receberam *cem mil escravos*. Para que os corsarios negros podessem despejar

aqui esse numero de captivos, era preciso terem embarcado pelo menos duzentos ou trezentos mil negros no littoral africano. (*Sensação*). A lei de 7 de Novembro de 1831, longe de pôr cõbro a essa vertigem, que sepultava annualmente nas ondas centenas de milhares de vidas, foi ludibriada pela grande propriedade e pela connivencia villã do governo durante vinte annos, que demarcam a phase mais cruel da historia do trafico africano. Mas o parlamento e os ministros brazileiros nunca cessaram de reconhecer que a lei nacional e internacional de 7 de Novembro continuava a fazer parte do nosso direito positivo. Attestam-n'o os annaes parlamentares de 1848, 1850, 1852, 1853.

Deixou ella de vigorar d'ahi em diante? Porque? Pelo desuso? Senhores, contra a liberdade não ha prescripção, não ha perempção, não ha commissão. (*Applausos*). Nós os abolicionistas não temos a esse respeito vislumbre de duvida: a lei de 7 de Novembro subsiste tão perfeitamente em 1885, como subsistia em 1831. (*Applausos*). Submettam a questãõ a um tribunal de jurisconsultos, num paiz onde o captiveiro não tenha depravado o senso juridico, e desafio os advogados da escravidão a que obtenham outro parecer. Felizmente, os tribunaes brazileiros por muitas sentenças, nestes ultimos annos, têm enveredado a jurisprudencia por esse caminho. Honra a elles! (*Applausos*). Como quer que seja, porém, é um caso de applicação de lei. Cabe aos juizes decidil-o. Que fez, pois, o projecto 15 de Julho? Deixou a lide aos seus sentenciadores naturaes: manteve aos tribunaes a sua liberdade de acção constitucional. (*Applausos*). Que faz o projecto 12 de Maio? Cassa, com um traço de penna, a liberdade assegurada ás

victimas da pirataria africana pela convenção de 1826 e pela lei de 1831. Diz aos tribunaes : vossa jurisdicção cessou : eu sou a lei ; estendo o meu manto omnipotente sobre a infamia do contrabando servil ; canoniso-a, e prohibo-vos que lhe toqueis. (*Sensação. Applausos*). Senhores, isto se tentou fazer em 1837 ; mas o projecto da camara dos deputados cahio no senado em 1850. Entre os votos que se oppuzeram á consummação desse attentado incomparavel sobresaie o do Sr. Cotegipe. Tenho satisfação em assignalar mais uma vez essa nobre acção de um adversario meu, a quem jámais poupei, nem quero poupar. O senado brasileiro declarou, portanto, em 1850, a irrevogabilidade da lei de 1831 ; é a pagina mais civica da historia dessa instituição. (*Applausos*).

Pois bem, senhores : esse impossivel de 1850 acaba de achar realisacão agora na reforma *aboliconista* do governo. O art. 13 do projecto de 1837, o *artigo monstro*, como lhe chamou Nunes Machado, entrou por obrepção, por uma reticencia feliz, no projecto de 12 de Maio de 1885. E nunca mais os africanos illegalmente escravizados pelos ladrões de carne humana (*applausos*), nunca mais os miserandos descendentes desses desgraçados poderão exorar a justiça dos magistrados brasileiros em nome da lei de 7 de Novembro ! (*Applausos*). Está lavada a memoria dos piratas (*applausos repetidos*)... em homenagem á tranquillidade da lavoura ! (*Riso. Applausos*).

E eu sou liberal, e hei de deixar correr isto sob a responsabilidade do meu partido ? Senhores, não tenho aqui mandato algum, senão o da minha vocação democratica e o da minha profunda cultura liberal.

Mas, simples cidadão, sinto-me grande de toda a grandeza de minha patria (*applausos*), forte de todo o entusiasmo da minha intensa paixão liberal, para clamar: Se a bandeira, á sombra de cujas tradições me eduquei, pôde cobrir esta carga, eu rejeito-a com horror (*applausos estrepitosos*)... fujo e vou homisiar-me onde um circulo de patriotas qualquer me offereça um pouco de oxygeno, em que a minha consciencia respire. (*Applausos prolongados cobrem a voz do orador*).

E, se este projecto passar... Não, não passará!... (*Não! Não! Applausos*). Estamos então n'um tumulto? (*Applausos*). Mas, se passar, a minha voz, nulla como a estaes ouvindo (*contestações*), a minha voz crescerá com o concurso da vossa, crescerá acima do marulho dos interesses negreiros, crescerá como a voz das grandes aguas do Amazonas (*applausos*), aorta immensa da liberdade neste paiz, para trovejar aos ouvidos dos nossos tribunaes: Tambem eu sou jurisconsulto (*longos applausos*); e, em nome da sciencia que aprendemos, vos digo: a liberdade não se revoga; esta lei é um attentado brutal contra a constituição do imperio; não tendes o direito de executal-a: serieis o instrumento de um crime. (*Applausos*).

Retrocedendo meio seculo para absolvição do contrabando humano, o projecto de 1885 recua aquem do projecto de 1884, para destruir a conquista da liberdade já feita em prol dos sexagenarios. Vós sabeis o que essa conquista custou ao ministerio Dantas. Esse benemerito estadista, na serenidade de sua grande alma, quando se aventurou com essa idéa aos parceis da camara passada, deveria ter experimentado a sensação de Wilberforce, quando, no parlamento inglez, iniciou a

sua agitação emancipadora. « Achava-me », dizia elle, « na situação de um individuo, que se metteu sob o ralo de um chuveiro, e está prestes a puxar o cordel, para receber a duxa. » (*Riso*).

Quem não recorda o graniso de projectis que lhe saraivou em derredor? O Sr. Souza Carvalho, autor do voto em separado, via no projecto de 15 de Julho « o supplicio da constituição, uma falta de consciencia e de escrupulo, um verdadeiro roubo, a naturalisação do communismo, a ruina geral, a situação do Egypto, a bancarrota do Estado, o suicidio da nação. » O Sr. Penido vociferava: « O art. 1.º equivale á abolição immediata. E' um torpedo, que fará voar pelos ares este paiz. » (*Riso*).

Decorrem mezes e o honrado presidente do conselho nos vem dizer, no seu discurso programma, que, mudada apenas a *fôrma*, o modo de dizer, o novo gabinete realisaria a emancipação dos velhos, com resultados identicos aos que o seu antecessor pretendia obter menos geitosa e mais imprudentemente. O ministerio 6 de Junho naufragara n'uma impericia de redacção. (*Hilaridade*). O *torpedo* do Sr. Penido era apenas uma inhabilidade de linguagem no governo. (*Hilaridade*). A dissidencia que, o anno passado, perguntava, e respondia, pelo orgão do Sr. Lourenço de Albuquerque: « Que é o ministerio 6 de Junho? O ministerio 6 de Junho é o projecto 15 de Julho » — essa dissidencia revelou-se, afinal, nem mais nem menos, uma dissidencia rhetorica... uma dissidencia *grammatical*. (*Risadas*).

O Sr. Dantas é um pêco estadista em materia de *moldes*. (*Riso*). Tambem não sei como o meu eminente amigo se poderia sahir melhor. Pela minha parte, tenho

ouvido com attenção pia quantos serralheiros e alfaiates da nova reforma (*risadas*) andam ahi a offerecer de graça a lição ambicionada aos pobres de espirito como eu, e... cada vez sei menos, senhores! (*Hilaridade*). Começo por ignorar até agora se a obra seria de tesoura ou de fechadura. (*Hilaridade*). Mas a lettra do projecto Saraiva me parece que acaba por *fechar a questão*. (*Riso*).

Que nos diz, com effeito, a lettra do projecto? Que os velhos de sessenta annos serão obrigados, até aos sessenta e cinco, a mais *tres annos de serviços*, ou *cem mil réis em dinheiro*. O projecto Dantas dava-lhes a liberdade sem dinheiro, nem serviços. Então é só no molde a differença? Então o estofo é o mesmo? Liberdade aos sessenta, ou liberdade aos sessenta e cinco, liberdade gratuita, ou liberdade comprada, synonymos, synonymos... (*Riso*).

Senhores, não é licito gracejar neste assumpto. Mas acredite que a ironia me é um pungente sacrificio a esta causa: ella sae-me do coração com laivos de sangue. Não bastam, pois, sessenta annos de captiveiro? A tranquillidade da lavoura exige ainda mais cinco! A lavoura é então um corvo esfaimado a disputar ao tumulto a pelle e os ossos dos invalidos cuja vida sugou durante meio seculo? (*Applausos*). Não, senhores, não é! É a politica que está explorando, e deshonorando a lavoura. (*Applausos*).

Mas estarão, ao menos, livres, no projecto, os escravos de sessenta e cinco annos? Tenho duvidas, senhores; porque lá não descubro a palavra de redempção. (*Apoiados*). A eliminação do valor não é declaração de liberdade, não é extincção de propriedade. Nada

obsta a que um desvalor seja objecto de dominio. Ha preços commerciaes e preços de estimação. O projecto suprime o valor de mercado; mas, desde que expressamente não desapropria, desde que não proclama explicitamente a liberdade, ao dono do objecto possuido subsiste o direito de allegar em juizo o valor de affeição que pôde não representar-se em dinheiro, ou serviços, mas traduzir-se meramente na posse indefinida (*apoia-dos*); tanto mais quanto o nobre presidente do conselho acaba de fazer sublimado serviço á honra dos escravos velhos, arguidos até agora de malandrice, indisciplina e deserção, descobrindo-lhes um merito precioso: o de « *infundir respeito aos mais moços* » (*risadas*), utilidade notavel, que deve proporcionar-se ao alvejar das cãs, duplicar na curvatura dorsal do octogenario, e chegar á sua plenitude na face tumular do macrobio. (*Riso*).

O projecto não desapropria o escravo velho. Como, portanto, deixa este de ser propriedade? Não lhe restitue a liberdade. Como é, pois, que o faz livre? Aliás, porque não pronuncia formalmente a expropriação e o resgate? Tem acaso a lei medo a palavras honestas? (*Applausos*). Calculae os fructos que de si não dará esta maneira equivoca de legislar a liberdade, confiada aos juizes *inexoraveis*, marca dos d'Aguessax de Campos! (*Applausos*).

Quando o projecto 15 de Julho se delineou no parlamento, deu-se nas almas, entre livres e oprimidos, um como crepusculo de madrugada tropical, quando a estrella d'alva scintilla docemente de além por sobre os cabeços dos montes longinquos. E' que na face dessa reforma irradiava a emancipação dos sexagenarios, esperança, consolação e justiça. (*Applausos*). O braço do

ministerio Saraiva estendeu-se, e, como aquella mão mysteriosa dos livros biblicos, apagou o foco luminoso. (*Applausos*). De onde veio ao nobre presidente do conselho essa potestade sobrehumana, para sellar de novo a tumba do captiveiro sobre noventa mil invalidos do trabalho servil? (*Applausos*). De onde? Não é do seu partido, que deu ao gabinete Dantas 50 votos na camara, enquanto a dissidencia, mãe da crise das vaias, de que é filho o gabinete 6 de Maio (*riso*), dispunha apenas de 10. Não é do parlamento, a cuja opinião S. Ex. lançou como sonda a *questão aberta*: tão mal lhe conhece as idéas! Não é da corôa, cujas predilecções abolicionistas não são segredo para ninguém. (*Applausos*).

Senhores, nesse excesso de pura confiança em si mesmo, que se trae na retrograda tentativa do nobre presidente do conselho, não vejo senão a cegueira dos preconceitos do proprietario servil (*applausos*), a que, mais do que a outros quaesquer, assenta a observação de Goethe. As phrases que os homens se habituaram a repetir continuamente acabam por transformar-se em convicções, *ossificar os órgãos da intelligencia*.

Ponto por ponto, em toda a extensão da reforma, o projecto 12 de Maio reage contra a obra libertadora do projecto 15 de Julho: são a these e a antithese um do outro.

O projecto 12 de Maio não é, como quer o honrado Sr. Saraiva, o desenvolvimento da lei de 28 de Setembro. Pelo contrario: recua dessa lei e contraria a sua acção bemfazeja. A lei Rio Branco estipulou o preço do escravo em sete annos de serviço. O actual projecto

divide por egual esse valor em duas partes: metade em cinco annos de trabalho; metade na equivalencia de outros cinco annos em titulos de renda do Estado. Digamos: 10 annos de serviço. Dest'arte o art. 6.º § 3.º do projecto de 1885 annulla o art. 4.º § 3.º da lei de 1871. (*Assentimento geral*). Que proprietario hesitará entre os 10 annos de serviço (ou sua equivalencia) offerecidos hoje e os sete offerecidos então?

Mas... ia sendo injusto, senhores. O projecto estatue, a beneficio do escravo, duas remunerações. (*Riso*). Está no seu proprio texto esse nome.

A primeira consiste em *roupa, alimentação e tratamento nas enfermidades*. (*Hilaridade*). Inimitavel, senhores! O projecto impõe ao usufructuario da actividade do escravo as attenções indispensaveis para que o instrumento humano não pereça antes de prestada a utilidade servil a que o condemnam,— e a isso denomina *remuneração ao escravo!* (*Applausos*). O projecto—essa incognita do grande problema (*riso*)—faz aos opprimidos, cujo captiveiro assegura, a insigne mercê de não obrigar-os a comprarem á lavoura, que os vampirisa, o pão, o vestido e os cuidados ordinarios na doença! (*Applausos*). Se esta reforma fosse elucubrada em Campos (já vejo), bem póde ser que a usura negra lhes apontasse ao coração a faca de Shylock, para lhes cobrar em retalhos de carne, ou no sangue vivo das veias, o feijão, a tanga e a cama da enfermaria. (*Applausos*). O projecto 12 de Maio, porém, é mais humano. (*Riso e applausos*). Constrange o senhor a proporcionar-lhes *de graça* o torresmo, a aniagem e o medico. (*Hilaridade*). Esta prodigalidade! Generoso, perdulario, adiantadissimo o projecto. (*Hilaridade*). Eu não vou tão longe. Eu proporia que esses

sacrificios fossem resarcidos aos fazendeiros pelo fundo de emancipação. (*Hilaridade*). Não tranquillisava mais a lavoura?

Pois, senhores, não fica ahí a munificencia do projecto. Ha ainda outra remuneração: uma *gratificação diaria*, que os regulamentos do governo se incumbirão de fixar. Isto é pratico! é profundo! é soberanamente serio! (*Riso*). Cada escravo vae transformar-se em credor do seu proprietario (*hilaridade*); cada proprietario vae abrir a cada um dos seus captivos uma conta corrente do salario quotidiano. (*Riso*). Quem velará pela fidelidade das contas? As repartições fiscaes? Os juizes de orphãos? As caixas economicas? Questão secundaria... O que se quer não são os *cinco réis* na algibeira do escravo, mas os cinco réis na lei, os cinco réis nos livros do fazendeiro, os cinco réis nas promessas do gabinete. (*Hilaridade*). Contra os proprietarios impontuaes eu propria conferir ao escravo o direito de executivo, com penhora immediata, independente de tentativa conciliatoria. (*Hilaridade prolongada*).

Bem vêm, senhores: emendo como posso. Vantagens da *questão aberta*... (*Hilaridade*).

Fallei em *cinco réis*. Vou mostrar-vos que a *gratificação diaria*, a que o projecto se obriga não póde chegar a tanto. (*Hilaridade*). Fal-o-hei com toda a precisão da certeza mathematica. Dei-me, senhores, ao ligeiro trabalho de organizar a tabella dos juros correspondentes, por anno, por mez, por dia, ás quantias outorgadas ao proprietario, em titulos da divida nacional, como indemnisação de meio valor do escravo, avaliado segundo a tabella do projecto.

Eis a minha tabella (lê):

Por escravo	Valor dos titulos	JUROS DA APOLICE		
		Por anno	Por mez	Por dia
De 1:000\$000	500\$000	25\$000	2\$083	60 rs.
De 800\$000	400\$000	20\$000	1\$666	54 rs.
De 600\$000	300\$000	15\$000	1\$250	41 rs.
De 400\$000	200\$000	10\$000	\$833	27 rs.
De 200\$000	100\$000	5\$000	\$416	13 rs.

(Risadas).

Como vedes, a renda do subsidio liberalisado aos fazendeiros, para reorganisação do trabalho (riso), importa diariamente, no maximo, em 60 rs. por escravo, descendo até o minimo de 13 réis. Tomo por média os escravos de 500\$000. A renda do titulo respectivo é de 12\$500 por anno, ou por dia, 34 réis. Ora, sobre 34 rs. a dedução de 5 rs. para salario do escravo é uma enormidade: equivale a quasi 15 % da renda percebida pelo senhor. Tomemos, porém o maximo total da renda pelos escravos mais caros, os de 1:000\$000: são 60 rs. quotidianos. Demos que dessa quantia o senhor não embolsa um real; admittamos que os regulamentos o obriguem a despejal-a integralmente no bolsinho do escravo. São tres vintens por dia de salario! (Hilaridade prolongada).

Eis os tres vintens encarados pelo avverso: um es-carneo de justiça aos captivos. (*Applausos*). Vejamos agora o reverso dos tres vintens: o lado que olha aos senhores. Tres vintens diarios —nem mais, nem menos — representam meio trabalhador; por isso que representam o rendimento do valor de meio escravo, cuja outra metade o projecto paga em cinco annos de serviço. A esse meio salario, que a reforma lhe propõe, o proprietario junctará a metade complementar: *mais tres vintens*. Ao todo seis, ao todo 120 rs. por dia, repartido esse dispendio entre o agricultor e o Thesouro. Eis o futuro salario, ou a equivalencia economica, do trabalho rural, no plano financeiro do projecto (*Riso. Applausos*). Aos lavradores que seriamente pensarem na transformação dos braços esta offerta não será um ludibrio? A quaes poderá ella, pois, satisfazer, senão aos perdidos, a quem como ultima táboa de esperanza não reste mais outro recurso, senão atirar com esses titulos do Estado ás guelas famintas da Hypotheca? (*Applausos*).

A escala de valores, no projecto 15 de Julho, era um alvitre liberal. Não affiançando aos senhores a venda certa do escravo pela taxa da estipulação official, essa medida era, contra as avaliações exageradas, eminentemente protectora dos captivos, cujo preço, em ultima analyse, vinha a ficar entregue á influencia natural das leis economicas. O projecto Saraiva oppôz barreira á acção dessas leis. Arredando a mercadoria humana do mercado ordinario, creando-lhe um mercado especial, privativo, illimitado a quantos vendedores appareçam indifferente á offerta e á procura, regido por uma tarifa permanente de preços, — o projecto 12 de Maio não

protege senão os senhores, a quem privilegia com carta de seguro contra as consequências inevitáveis da deterioração de uma mercadoria fadada a extincção imminente (*Applausos*).

Ha entre os dous systemas um abysmo: o primeiro olhara para o oriente, para o direito que nasce; o segundo volta-se para o occaso, para o abuso que declina. Um estendia mão amiga á liberdade que lucha; o outro offerece um salvaterio artificial a uma iniquidade que não se sacia. (*Applausos*).

Quando condemnamos a taxa addicional, que o projecto 12 de Maio consagra, sae-nos ao encontro o nobre presidente do conselho, estranhando que essa resistencia não se tivesse manifestado contra o projecto Dantas, onde se nos depara idéa identica.

Erro, multiplo erro de S. Ex.

Primeiramente os tempos são diversos. Quando o chefe do ultimo gabinete iniciou a sua reforma, o pensamento de augmentar o fundo de emancipação encontrava aceitação geral, ainda entre abolicionistas ferventes. De então para cá, nestes doze mezes, o espirito publico adiantou-se um seculo (*applausos*), e o influxo dessa evolução não póde deixar de ter penetrado no proprio animo dos autores daquelle plano de reforma. Emquanto a mim, dir-vos-hei: não vejo hoje indemnização possivel, senão *exclusivamente em serviços*. Estou com o illustre senador Ottoni, que chegou a esta idéa definitiva, depois de ter reclamado iterativamente, durante tres annos, o augmento do fundo manumissor, que hoje repelle. O nobre presidente do conselho atrazou-se: ficou com a opinião de um anno atraz, que já equivale á do seculo passado. (*Applausos*).

Depois, não ha identidade entre a concepção do imposto addicional nos dous projectos. Ella diversifica profundamente de um para outro : diversifica no seu objectivo, na extensão da sua incidencia e na duração dos seus effectos. Differe no seu objectivo ; porque, no projecto 15 de Julho, o fim desse encargo publico era beneficiar os escravos, e no projecto 12 de Maio, é querenar, á custa da nação contribuinte, as fortunas arruinadas na exploração servil do solo. (*Applausos*). Differe na sua extensão ; porque no primeiro, elle vinha substituir o fundo de emancipação actual ; emquanto, no segundo, vem accrescentar-se á massa preexistente de tributos, engravescendo a situação dos contribuintes. Differe na duração dos seus effectos ; porque, no projecto de 1884, esses sacrificios cessaram, em se extinguindo a escravatura ; ao passo que, no projecto deste anno, a taxa addicional continuará a ser cobrada ainda após a libertação total dos escravos, até remir-se completamente a divida proveniente da emissão dos titulos que a reforma auctorisava.

No espirito do ministerio 6 de Maio não ha, nesta questão, absolutamente nada, senão isto : a preocupação da propriedade servil. Indemnização, indemnização e indemnização, eis o seu lemma. Dir-se-lhia que a historia contemporanea é a este respeito, um livro em branco, onde os nossos reformadores não acharam nada que aproveitar. Ora, a historia da emancipação é uma negação da propriedade servil (*applausos*) ; 1º, porque varias nacionalidades emanciparam sem indemnizar : os Estados Unidos em 1865, Portugal em 1878, a Hespanha em 1870, 1873 e 1880 ; 2º, porque a indemnização pecuniaria não se deu senão associada

ao systema de emancipação por simultaneidade; 3º, porque, ainda nos casos de abolição radical, ha classes de escravos, cuja perda não foi compensada aos senhores: na Inglaterra os menores de seis annos, em França creanças e velhos; 4º, porque, mesmo nos paizes em que se indemnizou a dinheiro, os proprios iniciadores e realisadores da reforma (haja vista a Inglaterra) confessaram depois que a indemnização fôra concedida sob um erroneo presuppuesto: o de acautelar a ruina das fortunas particulares, receio que os acontecimentos desmentiram.

Despresando as lições concludentes do passado, o nobre presidente do conselho vê as cousas a uma luz absolutamente diversa, e, sob o dominio dessa falsa visão, põe o talisman da reforma salvadora na celebre operação financeira, que pretende sobrecarregar o paiz com a emissão annual de milhares de contos em titulos de renda, para espeque aos solares vacillantes dos agricultores individuos. O nobre presidente do conselho, que exime os proprietarios servis das multas em que incorreram por inobservancia da lei de 28 de Setembro, julga de boa consciencia e de excellente aviso lançar sobre as costas das gerações futuras o fardo de uma divida inventada para alliviar a ultima agonia de uma instituição morta em vida. (*Applausos*).

Isto para a transformação regular do trabalho! Já o Sr. Andrade Figueira, advertio a S. Ex. que esse novo auxilio á lavoura ha de infallivelmente derivar todo para as fauces dos credores. O nobre presidente do conselho contestou; mas não deu, nem podia dar, a minima plausibilidade á sua denegação. A experiencia dos paizes estranhos apoia irrefragavelmente o Sr. An-

drade Figueira. A sorte que S. Ex. prediz á emissão Saraiva, é a que a indemnisação pecuniaria teve, em sua maior parte, nas colonias francezas e inglezas. Isso está nos documentos officiaes; mas é facil de achar em qualquer livro de vulgarisação. Enquanto o credor hypothecario não estiver saciado, de balde vertereis dinheiro e credito na algibeira do lavrador. (*Applausos*).

Senhores, ha, neste projecto, uma idéa que define a exaggeração do seu escravismo. E' a de comminar aos que *acoitarem escravos* a multa de 500\$ a 1:000\$000.

Esta disposição é inenarravelmente odiosa. O seu commentario pratico, o seu echo politico, a sua repercussão social está nos acontecimentos de Campes. (*Applausos*). Quem nos definirá, por uma formula honesta e segura, o que seja *acoitar* escravos? A fuga, no escravo, é um crime? Não: é a defesa natural; é o exercicio de um direito que nenhuma lei, neste mundo, ousaria negar, e cujo sentimento não conseguirieis extinguir, ainda quando podesseis degradar a natureza humana até a bestialidade absoluta (*applausos*): pois ainda na pura animalidade a fuga é a incoercivel revolta do instincto. Franqueardes a hospitalidade do vosso lar ao opprimido, que se vos prostrou aos pés com a lividez do terror nas faces, será incorrer em delicto? A indigna lei, que o declarasse, não vigoraria um momento na menos viril das sociedades humanas. (*Applausos*).

Senhores, houve nos Estados Unidos, entre as instituições ferozes do escravismo no Sul, uma lei barbara, que ficou assignalada á indignação da historia sob o nome de *lei dos escravos evadidos*. Teriamos tambem a nossa lei de caça aos escravos, se este projecto

triumphasse. (*Applausos*). O criminoso, o malfeitor, o condemnado podem procurar impunemente a liberdade ; porque a jurisprudencia universal tem reconhecido na evasão um legitimo impulso da natureza ; e, se lhe abirdes as portas, se o acolherdes sob o vosso tecto, se o receberdes no gasalhado de vossa casa, movidos de piedade ou esperança na reabilitação do delinquente, não incorrereis em penalidade alguma ; porque a lei que vedasse a caridade, é que seria digna da calceta. (*Applausos*). Mas, se, quando, no circulo da vossa bemaventurança íntima, vos estiverdes revendo nos olhos da esposa, e acariciando os filhos estremecidos, um escravo, andrajoso, seviciado, espavorido, irrompendo subito, vos cair de joelhos entre as creancinhas, que vos affagam, e a mãe, que vos sorri, é preciso esmagar o coração, afogar as lagrimas, carregar o semblante, e expellir o miseravel (*applausos*), ou amarral-o, para o entregar á justiça ; que assim se prostitue este sagrado nome aos beleguins da instituição maldicta. (*Repetidos applausos*). Quando não, o processo, a multa de um conto de réis!

Eu quizera saber se ha, neste auditorio, um covarde bastante vil, para obedecer a tal lei. (*Applausos*). De mim vos digo : eu aborreceria meus filhos, e rejeitaria de minha alma a cara companheira de minha vida, se elles e ella não fossem os primeiros a estender sobre a cabeça do perseguido as azas tutelares dessa sympathia omnipotente, de que têm o segredo as mulheres e os anjos. (*Repetidos applausos*). É se a lei, essa lei nefanda, batesse á minha porta para arrancar-me o foragido, e restituil-o aos seus torturadores, eu diria ao escravo : «Resisti!», e os cães da lei perversa não

penetrariam no meu domicilio senão como os salteadores, pelo arrombamento e pelo sangue. (*Repetidos applausos*).

Ide executar essa disposição nas provincias resgatadas: no Rio Grande do Sul, no Ceará, no Amazonas. Não o ousarieis. (*Apoiados*). Como então nós poderíamos consentir que nodoasseis o asylo de nossos lares com uma selvageria de que a liberdade defende, o territorio das provincias emancipadas?

Mas não é só ao negro, ao captivo que esta lei ameaça: é tambem ao cidadão livre, nas mãos do feudalismo que monopoliza a nossa riqueza agricola, nas mãos dos partidos, da policia, dos tyrannetes locais. (*Apoiados*). Em comparação dessa arma perseguidora, que era d'antes a guarda nacional e o recrutamento?

Dissê o nobre presidente do conselho que o seu projecto constitue uma transacção liberal. Nunca! O projecto 15 de Julho era uma transacção abolicionista; o projecto 12 de Maio é uma capitulação escravista, (*Applausos*). Acabo de proval-o. Applicae-lhe o criterio de senso commum, que Jonh Morley formulou no seu livro sobre as transacções politicas (*On compromise*), e vereis que não pôde ser uma transacção o plano ministerial, quando *com uma das mãos dá alento e força á instituição cuja sentença de morte pretendeis escrever com a outra.* (*Apoiados*).

Senhores, eu relia, ha pouco entre antigas discussões da camara dos commons, o rol das munições de um navio negreiro, capturado no principio deste seculo pelos cruzadores britannicos e julgado boa presa pelos tribunaes inglezes, Havia a bordo 55 duzias de cadeados, 93 pares de algemas, 197 grillhões, não sei que enorme

somma de toneladas em correntes de ferro, bem como—
vide o zelo dos traficantes pela saude espirital e corporea da carga humana destinada ás nossas fazendas!—
um cofresinho de objectos de culto religioso e, para as urgencias sanitarias de 800 escravos amontoados nos porões durante uma viagem de semanas e mezes, uma ridicula ambulancia no valor de cincoenta mil reis. Senhores, eu vejo nesse navio funesto a imagem do projecto 12 de Maio (*applausos*): cinco libras de drogas avariadas e uma provisõesinha de religião barata, para allivio aos captivos (*applausos*); para satisfação aos senhores a revogação tacita da lei de 7 de Novembro, o desengano á esperanza dos escravos sexagenarios, a indemnisação multiplicada sob todas as fórmãs, a aggravação da divida publica, o recrudescimento dos tributos, o sacrificio das gerações futuras á ganancia da geração actual, a repressão, mediante multas arruinadoras, da caridade exercida para com os escravos. (*Applausos*). Infune o escravismo as velas ao barco negreiro; mas não queira desfraldar-lhe á proa o estandarte liberal! (*Applausos*).

Podemos, e devemos, senhores, observar a mais larga indulgencia para com os individuos. Mas, na apreciação das idéas, na discussão dos problemas, na analyse das reformas politicas, aquelle que não tem a coragem de qualificar as cousas pelo seu nome, e, por condescendencias pessoaes, não abre os olhos a sua patria, é indigno da tribuna, e particularmente da tribuna popular. (*Applausos*). Quando capitulei o projecto 12 de Maio por uma imagem que suscitou queixas no circulo ministerial, obedeci a esse dever. Será então uma bandeira, e não um retalho negro, esse projecto?

Que o diga essa gelidez despresadora, com que a opinião publica o vê passar, como fanfarra de parada official (*Applausos*).

As injurias dos malevolos são a primeira recompensa dos que defendem a verdade. Quando os pátulêas extra e intra-parlamentares da colligação escravista investiam contra os propugnadores do projecto 15 de Julho, irrogando-nos a pécha de *inglezes assalariados*, eu propuz aos meus correligionarios em abolicionismo creação de um *club dos inglezes assalariados*, para commemoração desses convicios glorificadores. (*Applausos*). Diante da calunnia consciente vibrada por adversarios ignobeis, nós poderíamos exclamar como Wendell Phillips, lembrando a guerra de affrontas que envolvia os abolicionistas americanos durante a epocha de provação da grande causa. «Genio do passado», dizia elle, «não deixes apagar das tuas tabellas nenhum desses appellidos de honra. Nós os presamos como os titulos mais seguros ao reconhecimento do genero humano.» (*Applausos*).

Feliz seria eu se o nobre presidente do consellio pudesse reclamar tambem como dignificações gratas ao seu nome a designação com que o Sr. José Bonifacio definio o ministerio 6 de Junho, e as palavras com que eu caracterisei o seu projecto. Ainda mal! S. Ex. não pode fazel-o; pois o honrado senador mesmo veio confessar que o seu projecto é um emprestimo das insignias inimigas, cirzidas á lança do pavilhão liberal. S. Ex. disse: «Os conservadores, queiram ou não queiram, *não podem escusar-se á responsabilidade desta reforma.*» Disse-me uma pessoa de espirito que o caso era de Molière, e estava previsto no *Medico á força*. (*Riso*). A bancada conservadora não se sabe

bem como responderá definitivamente a S. Ex. Por enquanto, parece que não lhe desagrade o papel de Sganarello; e cada discurso conservador parece soar, como na traducção do poeta portuguez:

Conforme: sou e não sou (riso), ou na versão litteral do Sr. Lafaytte: *Pode ser que sim, póde ser que não.* (*Riso*). O Sr. Andrade Figueira, porém, mais positivo, já redondamente desenganou o nobre presidente do conselho:

*Mas digam: porque motivo
Hei de eu ser facultativo,
Sem sel-o? (Risadas).*

Todavia, o honrado senador persiste, e insta: « *Não ha nada mais conservador que este projecto. Elle é calcado nos mais puros moldes conservadores.* » O calcar contribue aqui para a energia da phrase: a reforma não é só *vasada* nos mais genuinos moldes do concundismo; é *vasado e calcado*. Quer dizer que a materia plastica, o bronze das idéas saquaremas, depois de vertido no molde passou por um processo de compressão especial, para que o artefacto reproduza os mais delicados contornos do modelo. (*Riso*).

Senhores, não riamos. Essa declaração, pronunciada pelo nobre ministro, de que a reforma, recommendada por elle do alto da posição que lhe dá o partido liberal, é a mais irreprehensivel expressão do sentimento conservador, não se commenta. (*Apoiados*). Si o parlamento não é de todo um simulacro; se os partidos não são simplesmente um rotulo da camaradagem parlamentar, essas declarações de S. Ex. infallivelmente acabarão por

levantar contra elle unanimes as bancadas liberaes (*apoiados*), inclusive os signatarios do projecto, que provavelmente não n'ò teriam apoiado, se o tempo lhes permittisse aprofundar-lhe o mecanismo. Por mim, direi que essas proposições do nobre presidente do conselho fizeram-me verter o sangue das faces. (*Applausos*). Si esta reforma é substancialmente conservadora, será uma provocação sollicitar para o seu triumpho o apoio liberal. (*Applausos*). O estadista que propõe a um partido politico uma solução cunhada com o carimbo da escola opposta, abusa da consciencia dos seus amigos, convertida em *anima vilis* de um empirismo fatal ao regimen parlamentar. (*Applausos*).

Si o projecto 12 de Maio é substancialmente conservador, S. Ex. usurpa aos seus adversarios uma posição, que, nesse caso, ninguem lhes póde arrebatat : cabe então aos conservadores promover a sua passagem. (*Apoiados*). Se esta reforma é a condensação de um principio rigorosamente conservador, os deputados liberaes, que a acompanharem, perpetram, contra o partido que os elegem, um acto de traição capital (*Applausos*). Vendem pelos trinta dinheiros do poder a honra dos seus constituintes. (*Applausos*). Não exercem um mandato : falsificam uma procuração. (*Applausos*).

Nem vale dizer o nobre presidente do conselho : « Esta idéa é de todos. » Não sei o que seja, em questões sociaes ou politicas, *uma idéa de todos*. E como poderia sel-o, se o honrado senador mesmo observa que « o paiz está dividido entre *homens que querem*, e *homens que não querem a abolição* ? »

O nobre presidente do conselho disse aos conservadores da camara baixa : « Façam os senhores do pro-

jecto o que entenderem. » Aos do senado já deu S. Ex. ensanchas ainda maiores : « Vós discutireis a reforma, talvez até mais amplamente do que a outra camara ; porque, licita, ou illicitamente, sois os arbitros da politica, neste paiz. » Assim essa fina essencia conservadora, depois de passar, na Cadêa Velha, por uma distillação severamente conservadora, subirá, nas retortas conservadoras do Campo da Acclamação, á mais ultra-pura essencia do corcundismo (*Riso. Applausos*). Compreendendo perfeitamente, pois, que o partido conservador tripudie na festa. Mas o partido liberal que ficará sendo senão a triste imagem de um apathico incuravel ? (*Applausos repetidos*).

Não sente elle casquinar-lhe aos ouvidos a *gargalhada de todo o mundo* ? (*Riso. Applausos*).

Accusam o ministerio 6 de Junho, por ter feito questão politica do projecto abolicionista. E' este precisamente o mais alto merito do seu governo. Se o Sr. Dantas o tivesse deixado á mercê das ondas, a reforma poderia estar feita, mas pelos conservadores com a dissidencia Moreira de Barros ; e de semelhante reforma o paiz não tomaria conhecimento, senão para repudial-a como um baldão. A questão politica determinou a dissolução ; a dissolução trouxe ao parlamento uma incontestavel maioria projectista, que os conluios da alliança negreira dizimaram, n'uma serie de espoliações as ultimas das quaes operaram-se á sombra do ministerio actual. Dissera-se : « A permanencia do Sr. Dantas é uma causa da irritação, que ameaça os diplomas abolicionistas. » Cahio o Sr. Dantas, e os diplomas abolicionistas, não obstante, foram implacavelmente sacrificados. (*Applausos*). Mas no calculo do gabinete 6 de

Junho não podia entrar a previsão de violencias como essas, que revivem as mais estrondosas depurações parlamentares do antigo regimen eleitoral. E, se não fossem ellas, a politica do ministerio Dantas viugaria, além de outras, com uma vantagem suprema: a de impor-se ao senado, firmado no paiz e no voto politico da camara popular. (*Applausos*).

Inversamente, o gabinete 6 de Maio inventou uma novidade absolutamente nova, a que baptisou com o nome barbaro de *questão aberta (riso)*, e cujo resultado será humilhar o ministerio em ambas as camaras, entregando n'uma e n'outra, a reforma aos conservadores e eseravistas. Que parlamentarismo original é este? O nobre presidente do conselho diz: Tenho cá o meu calculo sobre o tempo que deve durar o captiveiro. Agora o geito de operar a mudança nesse limite de tempo, isso fica ao vosso cuidado. Senhores, o honrado senador troca os papeis. O que justamente pertence á competencia dos gabinetes é a habilidade que as grandes assembléas não podem ter, de descobrir o mecanismo apropriado ás idéas capitaes de reformas, dominantes na camara democratica, de que o ministerio é a delegação executiva. Na hypothese vertente, a idéa capital é o termo limitativo da existencia do elemento servil. Essa devia nascer do parlamento. O mecanismo, a escolha dos *moldes*, isso é o que toca particularmente ao gabinete. Eis o que torna indispensavel a questão politica: ella é exactamente o unico meio de salvar a honra do governo, demonstrando que elle representa uma situação parlamentar, e dar um sello de auctoridade superior ao voto da representação popular. (*Apoiados*).

Questão aberta não é o que o ministerio 12 de Maio e

os seus amigos cuidam. *Open questions*, questões francas, *questões livres* chamam os inglezes, e, á imitação delles, os outros paizes de regimen semelhante, *aos assumptos em que se deixa aos ministros a liberdade de divergirem uns dos outros*, em projectos de iniciativa do gabinete, ou da camara. Si o honrado Sr. Saraiva quer dar aos membros do 6 de Maio permissão de votarem contra o projecto de 12 desse mez, então emprega boa a phrase.

Senhores, a gloria do abolicionismo está em ter sabido inspirar a um estadista como o senador Dantas, espirito em quem o tino compete com o poder de acção. (*Applausos*). A gloria do senador Dantas consiste em ter convertido a questão servil no mais necessario de todos os nossos problemas de governo, impondo-o irresistivelmente a todos os gabinetes que lhe succederem. (*Applausos*). Sincera ou falsamente abolicionista, todas as reformas que após elle vierem, são outros tantos triumphos da sua politica, cujo termo fatal é a extincção proxima do elemento servil. (*Applausos*).

Do ministerio 6 de Maio a historia dirá que a sua obra foi restituir a questão servil á agitação publica (*applausos*), apressar a abolição, contrariando-a, e des-servir a lavoura, professando benefical-a. (*Apoiados*). Sim, senhores ; porque, assim como o primeiro anno de resistencia tornou já insufficiente em 1885 o projecto abolicionista de 1884, assim a continuação da contumacia escravista, servida pela politica do gabinete actual, imporá, dentro em breve, ainda mais ampla latitude ás condições da reforma. (*Apoiados*).

A idéa fixa do nobre presidente do conselho é socegar a lavoura. S. Ex. ainda não cogitou em socegar o abolicionismo. Sei que a extincção do captivo conta

innumeros proselytos no seio da nossa agricultura. O nobre presidente do conselho (disse-o S. Ex. no senado) tem recebido telegrammas como este: « Projecto approved: possuo 300 escravos). Sou testemunha de manifestações muito menos laconicas, muito menos avaras de expansão, muito menos poupadas no poste telegraphico, dirigidas ao senador Dantas, em adhesão ao projecto de 15 de Julho, por senhores, não só de trezentos, mas de muitas vezes trezentos escravos. (*Applausos*). Commetto esta indiscripção em honra da lavoura! Mas a lavoura não representa a opinião abolicionista, e, pela força ineluctavel dos interesses, desconfia della, teme-a resistelhe, mais ou menos directa, mais ou menos energicamente. A situação pertence aos abolilionistas; porque são elles que a crearam, impondo aos partidos a reforma servil. (*Applausos*).

O nobre presidente do conselho, portanto, vai caminho errado. Ha duas estradas para a reforma: tranquillisar o paiz, ou tranquillisar os fazendeiros. Escolhendo tranquillisar os fazendeiros, S. Ex. inquieta o paiz, porque descontenta a opinião abolicionista. (*Applausos*). Quando o ministerio 6 de Maio tiver conseguido produzir no espirito dos grandes proprietarios essa quietude absoluta, a irritação nas fileiras abolicionistas estará mais superexcitada que nunca. (*Applausos*). A propaganda repercurtirá por toda a parte os brados de rebato da nossa causa ameaçada (*applausos*); a agitação estuará nas ruas mais procellosa do que nunca; porque, essa corrente nacional, que tanto trabalho, tantos annos, tantos soffrimentos custou, é nosse dever não consentir hoje que se desvie por um alveo falso, ou se frustre em experiencias perigosas; e mais facil vos será dominat

com uma repreza de vime as cachoeiras de uma cataracta do que limitar com as vossas transações parlamentares o curso do abolicionismo.

(Acclamações estrondosas, repetidas e prolongadas. O orador é abraçado pelos membros da Confederação Abolicionista).

Chamado á tribuna pela platéa em peso, ergue-se, de um camarote do proscenio o deputado JOAQUIM NABUCO.— Cresce o enthusiasmo : os vivas, os bravos e as palmas impossibilitam de ouvir a vibrante voz do eximio tribuno. A muito custo percebeu-se os seguintes eloquentes trechos :

« Só posso tomar o chamado do povo, depois do admiravel discurso do Conselheiro RUY BARBOSA, como o desejo de todos de terem o seu enthusiasmo communicado ao eminente orador por um interprete do Povo. *(Novos applausos interrompem o orador).*

« Sempre fiz votos para que a Propaganda Abolicionista fosse enriquecida pela palavra e pelo talento de um moço, que é uma reputação do nosso parlamento, e que, tendo feito da liberdade religiosa e da propagação do ensino o seu duplo apostolado, devia necessariamente dar como portico a essas duas grandes reformas a— *Libertação dos escravizados.*

(Acclamações immensas ; a platéa agita-se em um delirio de enthusiasmo).

« RUY BARBOSA veio á esta tribuna não para eleva-la, porque essa tribuna em que se creou a palavra hoje formidavel de JOSÉ DO PATROCINIO não precisa ser

alteada de nível (*Bravos e vivas á Gazeta da Tarde e a JOSÉ DO PATROCÍNIO*)... mas sim para demonstrar a verdade de uma phrase sua — não é infelizmente nas duas Camaras que bate o coração da Patria...

• Seus pulmões são estreitos para converter o sangue venoso, infeccionado pelo eslavagismo, em sangue arterial oxygenado pela Liberdade. (*Delirio de applausos. Vivas e acclamações*).

• Disse eloquentemente o grande cidadão, o illustre Presidente da Confederação Abolicionista JOÃO CLAPP, que um dos maiores serviços prestados pelo Conselheiro Dantas fôra injectar sangue abolicionista no partido liberal. (*Vivas ao Ministerio Dantas. Longa ovação*).

• Alli está (*apontando para o Conselheiro RUY BARBOSA*) um dos mercenarios do Sr. Valladares; um dos anarchistas de rua do Sr. Andrade Figueira; um membro dessa opinião publica, que ao contrario dos Bancos e dos Sindicatos de café, repellindo qualquer solidariedade nessa dupla fallencia da escravidão:—o cambio e o deficit—preoccupava-se sobretudo de fazer subir o cambio da dignidade humana e de amortisar a divida da redempção nacional, atrazada de tres seculos. (*Bravos! Vivas! enthusiasmo geral*).

• O Sr. Gaspar Drummond contestou a legitimidade do meu diploma pelo 1º Districto; mas o Sr. Drummond só tem competencia para esclarecer a Camara sobre um ponto:—que destino tiveram os Africanos roubados em Serinhaem... roubo em que a Justiça Publica envolveu seu pai e seu irmão, podendo-se assim dizer que elle foi creado no trafico. • (*Applausos geraes*).

O orador terminou por uma brilhante peroração, que foi ouvida de pé pela platéa, no meio de um tal

delirio de applausos e acclamações dos camarotes e das gallerias, que impossibilitou aos tachygraphos ligar as eloquentes phrases pronunciadas pelo eminente tribuno na maior exaltação.

O Sr. José do Patrocínio (*applausos; movimento de attenção*):—Senhores, agradeço a prova de sympathia que me acabais de dar.

Estando porém doente e não podendo por esse motivo usar da palavra, acudo entretanto ao vosso chamado e passo a ler o telegramma que nos acaba de enviar o Sr. Conselheiro Dantas.

(*Lê o telegramma*):

« Agradeço á Confederação Abolicionista e á *Gazeta da Tarde* os cumprimentos que me dirigiram como presidente do ministerio 6 de Junho, em nome da libertação dos escravos, causa vencedora na opinião nacional. »

Senhores, nós abolicionistas é que devemos agradecer ao conselheiro Dantas o muito que lhe devemos.

Podem levantar thronos ficticios a todos os ministerios, porém levantar diante da Nação com iguaes applausos e igual justiça a um ministro como o presidente do conselho do gabinete 6 de Junho, isso não!

A nossa patria ainda não conheceu um ministerio igual ao patriotico ministerio Dantas! (*Applausos*).

Levanto pois a esse glorioso presidente do conselho e seus companheiros, um viva.

Viva o conselheiro Dantas! (*Vivas; acclamações*).



A SITUAÇÃO ABOLICIONISTA

